

Abundante colheita de azeitonas também naquele ano. Plantas laboriosas, carregadas no ano anterior, as oliveiras estavam de novo cobertas de frutos apesar do nevoeiro que as molestara ao florirem.

O Zirafa, que possuía uma boa quantidade de oliveiras na sua quinta Quote em Primosole, prevendo que as cinco bilhas de barro envernizado que tinha na cave não bastariam para guardar todo o azeite da nova colheita, encomendara a tempo uma sexta, com maior capacidade, em Santo Stefano di Camastra, onde se fabricavam: da altura do peito de um homem, bela, bojudá e majestosa, para que fosse a abadessa das outras cinco.

Escusado será dizer que também discutira com o oleiro de lá por causa da bilha. E com quem não se pegava Don Lollò Zirafa? Por tudo e por nada, até por uma pedrinha que se desprendesse do muro da cerca ou por um argueiro de palha, gritava que lhe aparelhassem a mula para ir a correr à cidade dar queixa. Assim, à força do papel selado e dos honorários dos advogados, denunciando este, denunciando aquele e pagando sempre as despesas de tudo, ficara meio arruinado.

Diziam que o seu conselheiro legal, cansado de vê-lo apresentar-se na sua frente duas ou três vezes por semana, por forma a desembaraçar-se dele, lhe oferecera um livrinho como os missais: o código civil, para que ele se fosse embora e procurasse por si o fundamento jurídico dos processos que queria mover.

Dantes, todos com quem entrava em litígio, para gozar com ele, gritavam-lhe:

— Aparelhe a mula!
Agora, em vez disso:
— Consulte o cadernito!
E Don Lollò respondia:
— Podem crer, e fulmino-vos a todos, filhos da mãe!

Aquela bela bilha nova, que custou quatro onças dançantes e tilintantes, aguardando que lhe fosse encontrado lugar na adega, foi alojada provisoriamente no lagar. Nunca antes se vira uma bilha assim. Alojada naquele antro abolorcido com mosto e com aquele odor acre e cru que incubava nos lugares sem ar e sem luz, metia dó.

Há dois dias que começara a apanha das azeitonas e Don Lollò estava furioso, entre os varejadores e os muleteiros vindos com as mulas carregadas de adubos para depositar aos montes na encosta para a nova colheita de favas, já não sabia para que lado se havia de virar, a quem acudir primeiro. Praguejava como um carroceiro e ameaçava fulminar este e aquele, se uma azeitona,

uma única que fosse, lhe faltasse, como se antes as tivesse contado, uma a uma, ainda nas árvores; ou se cada monte de adubo não fosse do mesmo tamanho dos outros. De chapéu branco gasto, em mangas de camisa, peito descoberto, com o rosto afogueado e todo ele a pingar de suor, corria de um lado para o outro, girando os olhos de lobo e esfregando com raiva as faces lisas, nas quais a barba, prepotente, irrompia logo a seguir à raspagem da navalha.

Ora, ao fim do terceiro dia, três dos camponeses que tinham andado a varejar, ao entrarem na adega para guardar as escadas e as varas, depararam-se com a bela bilha nova rachada ao meio, como se alguém, com um corte preciso, apanhando toda a largura do bojo, tivesse separado a parte dianteira.

— Olhem! Olhem!

— Quem terá sido?

— Oh, minha Nossa Senhora! E quem aguenta agora Don Lollò? A bilha nova, que pena!

O primeiro, o mais amedrontado de todos, propôs encostarem de imediato a porta e irem embora calados que nem um rato, deixando lá fora, encostadas à parede, as escadas e as varas.

Mas o segundo:

— Estão loucos? Com Don Lollò? Era capaz de pensar que fomos nós que lha partimos. Todos quietos aqui!

Saiu em frente da adega e, fazendo das mãos um megafone, chamou:

— Don Lollò! Ó Don Lollòoo!

Lá estava ele na encosta com os descarregadores de adubo: gesticulava furiosamente como sempre, dando, a intervalos, com ambas as mãos uma calcadela ao chapéu branco. Às vezes, à força daquelas calcadelas, chegava ao ponto de não conseguir arrancá-lo da nuca e da testa. No céu apagavam-se os últimos raios de luz do crepúsculo e, entre a paz que descia sobre o campo com as sombras da noite e a doce frescura, ressaltavam os gestos daquele homem sempre enfurecido.